

Construindo identidade cultural¹ (Conceitos e processos concorrentes)

Raul Machado*

Incomoda-me muito, quando estou tomando meu café matinal, ouvir, por uma emissora de rádio, as orientações enfatizadamente pronunciadas por um especialista em aplicações financeiras nas Bolsas de Valores. Ele separa radicalmente dois conceitos: educação e conhecimento. Afirma professoralmente: *Educação é em casa*, com o papai, a mamãe, o vovô, a vovó, o titio, a titia, o padrinho, a madrinha; aprender a se comportar à mesa, dizer ‘com licença’, ‘muito obrigado’, respeitar os mais velhos, obedecer às autoridades. *O conhecimento é na escola*, com os professores.”

Com tal discriminação, separando educação e conhecimento, o polêmico operador bursátil em nada contribui para uma ampla e profunda compreensão do que seja o processo de construção do conhecimento e, ainda mais, do extremamente complexo e rico conceito de educação. Numa consulta ao *Novo Aurélio Século XXI* (1999, p. 718) pode-se ler que Educação é o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social; os conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo; [...] o cabedal científico e os métodos empregados na obtenção de tais resultados; instrução, ensino; aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas; conhecimento e prática dos usos de sociedade: civilidade, delicadeza, polidez, cortesia [...]” Como se vê, o conceito de educação é amplíssimo, abrangendo inclusive os “bons modos”,

¹ Palestra proferida aos professores do CAp/UFRGS durante a III Semana de Línguas do CAp ocorrida de 28 de junho a 02 de julho de 2010.

* Professor de Língua Portuguesa, ator, poeta e ensaísta, tem inúmeros artigos publicados em revistas especializadas, como a Revista do Professor. Sua mais recente obra é *Por caminhos da Cultura Brasileira* (Porto Alegre: Alcance, 2010). E-mail: raul.machado@hotmail.com

a que o professor mediático, radiofônico e televisivo, reduz o significado/conceito de educação.

O polêmico comunicador, eficiente em algumas outras intervenções (ao tratar de assuntos relacionados ao universo do discurso das Bolsas de Valores, por exemplo), com tal discriminação, parece acreditar que conhecimento só pode haver se houver ensino. Mas o processo de construção de conhecimento, apesar de sistematizado, em parte, na escola, resulta também das *aprendizagens significativas* que todo ser humano vai fazendo ao longo de suas vivências nas mais variadas situações: na família, nos grupos de amigos, (principalmente a partir da pré-adolescência), nas doutrinações religiosa e ideológico-partidária, nos momentos solitários de leitura prazerosa, de estudo, de fruição nas apreciações de um filme ou de um espetáculo teatral, na prática profissional e, ainda, nos momentos de sofrimento (Como se aprende o significado da vida, quando da morte de um ente querido ou quando recuperamos a saúde, após um largo período de doença!).

A aprendizagem (cognitiva, sócio-afetiva, psicomotora) é o fundamento, o alicerce, a base, *sine qua non*, do processo educacional em todas as suas dimensões, pois a aprendizagem é fenômeno universal: todos os seres humanos têm natural capacidade de aprender; uns mais, outros menos. A aprendizagem está condicionada por fatores genéticos, sociais e ambientais. Entre tais fatores/variáveis que interferem na aprendizagem de qualquer ser humano, entre os sócio-ambientais, avultam as características culturais da família, da classe sócio-econômica, da escolaridade, da religião. Convém ainda notar que a aprendizagem, como fenômeno natural e universal, é eticamente neutra. Pode-se aprender a ser generoso e bom, ou ladrão, político corrupto, ou um profissional disciplinado etc.

Nas sociedades civilizadas, isto é, dotadas de instituições organizadas (visando todas ao bem-comum, à justiça, à ordem, ao desenvolvimento social e ao progresso) as instituições de ensino (fundamental, médio, técnico, superior) desempenham papel

importantíssimo, pois nelas devem efetivar-se aquelas aprendizagens consideradas necessárias para o atingimento dos fins/objetivos de um sistema educacional. Nessas instituições escolares há *ensino*, isto é, uma ação conjunta – e às vezes bem estruturada, eficiente e eficaz – de profissionais da educação (professores, supervisores, diretores, orientadores, administradores, auxiliares de disciplina etc.). Tal ação conjunta supõe planejamento, execução e avaliação, com vistas ao atingimento dos objetivos do sistema educacional, conforme dispostos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (no caso do nosso sistema brasileiro) e das orientações, planos e projetos do Ministério da Educação e das secretarias estaduais e municipais.

Com Paulo Freire, grande educador brasileiro (*Pedagogia do Oprimido*), aprende-se que *todo ato educativo*, seja ele informal/assistemático ou formalizado e sistematizado nas escolas, é um *ato político*, no sentido amplo (não apenas partidário) da palavra *política*. Mas enquanto à política pedagógica dos partidos interessa atingir e convencer o maior número possível de pessoas/cidadãos/eleitores, visando ao poder (já que o poder, nas democracias, resulta da vontade da maioria dos votantes), ao ato político, que é a educação escolarizada, interessa cada aluno em particular, individualmente considerado, com vistas à construção de sua identidade cultural. Nesse tipo de educação, o professor, ao final de uma etapa educativa (série, nível), avalia e atribui nota, ou conceito, a cada um dos alunos. O ensino foi para a classe toda, mas os resultados da avaliação recaem sobre cada aluno, separadamente.

Convém notar que a pedagogia dos partidos de esquerda busca minimizar os resultados da avaliação individualizada, maximizando os resultados por grupos, turmas, faixas etárias, níveis; enfatizando, desse modo, o valor da *Igualdade* entre os educandos.

Já a pedagogia dos partidos de direita privilegia a avaliação individualizada, decorrente do princípio da competição entre os indivíduos (premiando o vencedor e castigando o perdedor),

atitude coerente com a natural diferença existente entre os seres humanos, base para efetivação do valor da *Liberdade* (E onde há liberdade instala-se a desigualdade entre indivíduos e classes sociais).

A política do atual ministro da Educação parece ser, em minha opinião (salvo melhor juízo), taticamente de direita, pois aplica seus exames para avaliar os resultados do processo de aprendizagem de cada aluno. Mas, estrategicamente, é de esquerda, pois o que interessa para o Ministério são as médias por escola, nível de ensino, (por município, por Estado federado), a fim de tomar decisões (planejamento) adequadas à melhoria da qualidade do ensino (ação do professor), nas escolas públicas municipais, estaduais e federais. Tais decisões deverão afetar o ensino nas agências formadoras de professores (faculdades, institutos superiores, universidades).

Mas, também duvido dessa minha afirmação: ser de esquerda, do ponto de vista da estratégia, pois com tal política de exames, instala a *competição* (uma das mais básicas características da democracia capitalista) entre escolas, municípios, redes (pública e privada), estados federados. Aliás, a competição entre desiguais não seria uma forma de injustiça social?

Por outro lado, é preciso reconhecer que a *cultura brasileira* em praticamente todas as suas manifestações (futebol, carnaval, produção, política partidária, formas artísticas etc.) é *essencialmente competitiva*; como são, aliás, as culturas dos países de democracia dita liberal. Já nas ditaduras, de esquerda ou de direita, onde não há liberdade (política, de empreendimento sócio-econômico, de opinião etc.), a competição tende a ser minimizada/eliminada, como em Cuba, Irã, Coreia do Norte, em vários países africanos (e onde mais?)

Convém, aqui, assinalar que certo partido político brasileiro, de centrossquerda, inspirado por Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, partindo da constatação evidente de que na sociedade brasileira há muita desigualdade, fruto da injustiça social, propunha uma discriminação positiva, em favor dos mais pobres,

muitos deles descendentes de escravos, a ser executada por um tipo de estabelecimento escolar público de qualidade (os CIEPs), com um currículo rico de oportunidades educativas e culturais, em tempo integral para os alunos, aos quais também seriam proporcionadas alimentação e higiene (banho) e, até mesmo, assistência médica e odontológica, além de atividades prazerosas de práticas educativas que atendessem às diferenças e aptidões individuais do alunado, com oficinas de arte, artesanato, música, dança, desportos etc. Tal proposta político-pedagógica, considerada muito cara até mesmo por outros partidos ditos “de esquerda”, caso tivesse sido posta em execução em nível nacional – a partir de um planejamento visando à sua implantação e implementação paulatina, ao longo de duas décadas – seria, a meu ver, a mais efetiva revolução para terminar com a maior praga do nosso país: a execrável desigualdade entre as várias classes sociais, e seria o maior impulso na construção de uma sólida educação, proporcionando igualdade de oportunidades para todas as crianças e jovens brasileiros. Os que dizem ser tal tipo de escola muito caro, esquecem que a educação formal, escolar de qualidade, é um investimento (e não uma despesa!), na formação de cidadãos conscientes, boa “mão-de-obra” profissional, e uma sólida e rica identidade cultural (individual, social, regional, nacional), elementos fundamentais para construção de uma sociedade democrática, multiétnica e multicultural. Infelizmente, as escolas públicas, na sua maioria, especialmente nas zonas rurais, desenvolvem um currículo “arroz-com-feijão”, um currículo pobre, com poucas atividades culturais, executado por professores mal pagos, desmotivados e, ultimamente, (por causa da violência e criminalidade/impunidade reinantes), agredidos. (Graças a Deus, estou velho e aposentado).

Até aqui foram brevemente citados alguns fatores intervenientes no processo educativo de caráter sócio-ambiental. Mas convém não esquecer os fatores genéticos, de natureza individual biopsíquica, que interferem também poderosamente no processo educativo.

Entre esses fatores herdados – e que são reforçados, positiva ou negativamente pela ação socioeducativa (influência dos meios familiar, social, escolar etc.) – avultam os tipos (8) de inteligência, conforme pesquisou Howard Gardner, divulgando na obra *Teoria das Inteligências Múltiplas* uma nova concepção do que é ser inteligente e suas consequências não apenas para o ensino escolar, mas para uma nova sociedade: aquela que promove e respeita as diferenças de estilos e de habilidades/capacidades de aprendizagem individual, estimulando o desenvolvimento pela ação educativa de todas as possibilidades/aptidões (cognitivas, criativas, afetivas ou sociointerativas) dos seres humanos.

Apoiados nessa teoria revolucionária, os pesquisadores e educadores Linda Campbell, Bruce Campbell e Dee Dickinson apresentam em *Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas* (2000) um conjunto de sugestões para os professores desenvolverem em suas aulas, respeitando e promovendo um ensino mais adequado às diferenças de tipos de inteligência, abaixo brevemente descritos. A leitura dessa obra é imprescindível para auxiliar na formação de professores e de líderes interessados no desenvolvimento sociocultural. Eis os tipos de inteligência:

- A *inteligência linguística* consiste na capacidade de pensar com palavras e de usar a linguagem para expressar e avaliar significados complexos. Autores, poetas, jornalistas, palestrantes e locutores exibem graus elevados de inteligência linguística. É um tipo de inteligência muito valorizado em todas as civilizações.

- A *inteligência lógico-matemática* possibilita calcular, quantificar, considerar proposições e hipóteses e realizar operações matemáticas complexas. Cientistas, matemáticos, contadores, engenheiros e programadores de computação, por exemplo, demonstram forte inteligência lógico-matemática. A civilização ocidental valoriza muitíssimo este tipo de inteligência.

- A *inteligência espacial* se concretiza na capacidade para pensar de maneiras tridimensionais, como fazem navegadores, pilotos, escultores, pintores e arquitetos. Permite que a pessoa perceba as imagens externas e internas, recrie, transforme ou

modifique as imagens, movimente a si mesma e aos objetos através do espaço e produza ou decodifique informações gráficas.

- A *inteligência cinestésico-corporal* permite que a pessoa manipule objetos e sintonize habilidades físicas. É evidente em atletas, dançarinos, cirurgiões e artesãos. Nas sociedades ocidentais, as habilidades físicas não são tão altamente valorizadas quanto as cognitivas, embora em outros lugares a capacidade de usar o corpo seja uma necessidade para sobrevivência e também uma característica importante de muitos papéis de prestígio.

- A *inteligência interpessoal* é a capacidade de compreender as outras pessoas e interagir eficientemente. É evidente em professores bem-sucedidos, assistentes sociais, atores ou políticos. Como a cultura ocidental recentemente começou a reconhecer a conexão entre mente e corpo, também passará a valorizar a importância da competência no comportamento interpessoal.

- A *inteligência intrapessoal* refere-se à capacidade para construir uma percepção acurada de si mesmo e para usar esse conhecimento no planejamento e no direcionamento de sua vida. Alguns indivíduos com forte inteligência intrapessoal especializam-se como teólogos, psicólogos e filósofos. É o “conhece a ti mesmo” como base da sabedoria e realização pessoal.

- A *inteligência naturalista* consiste em observar padrões na natureza, identificando e classificando objetos e compreendendo os sistemas naturais e aqueles criados pelo homem. Incluem-se entre os naturalistas qualificados fazendeiros, botânicos, caçadores, ecologistas e paisagistas.

- A *inteligência musical* é evidente em indivíduos que possuem uma sensibilidade para a entonação, a melodia, o ritmo e o tom. Compositores, maestros, instrumentistas, críticos musicais, fabricantes de instrumentos e também ouvintes sensíveis demonstram essa inteligência.

Em síntese, a educação é processo (natural, vivencial, interpessoal, cultural) de construção de uma identidade cultural pessoal/individual. É processo extremamente complexo porque se apoia nas possibilidades de aprendizagem de cada ser humano.

A aprendizagem é a base, o fundamento (*sine qua non*) do processo amplo de educação (cognitiva, afetiva, psicomotora).

A identidade cultural é a resultante do processo educacional sobre a natureza da pessoa do educando e suas relações com o meio ambiente natural (enfoque ecológico) e social (cidadania). A identidade cultural de uma pessoa é o conjunto de inúmeras identidades menores (familiar, sexual, étnica, classe social, religiosa, filosófica, científica, nacional, regional, linguística, ideológico-partidária, escolaridade, ocupação, profissão, gustativo-culinária, literária, artística etc.)

Educação e Cultura são, pois, processos interdependentes.

Uma educação de qualidade se nutre/se abastece da produção cultural (científica, filosófica, linguística, artística, tecnológica) local, regional, nacional, mundial, ao longo da História efetivada, desenvolvida. A identidade cultural de cada pessoa é a resultante das vivências, dentro e fora da escola, das aprendizagens significativas.

Referências

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. *Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 50 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.